



## A temática da mineração na pesquisa em educação ambiental

Viviane Amélia Ribeiro Cardoso<sup>1</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7168-4794>

Angélica Cosenza Rodrigues<sup>2</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5412-5894>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é compreender como a mineração toma lugar em parte das produções de pesquisa em educação ambiental. Para isso, investigamos os anais do EPEA - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental entre os anos 2001-2019, usando do referencial teórico metodológico da Análise Crítica do Discurso (ACD) por meio de duas categorias construídas, as quais indicam relações da educação ambiental com impactos e conflitos ambientais advindos da mineração. A temática da mineração presente nos Anais do EPEA enuncia pesquisa sobre práticas educativas nas escolas e nos movimentos e coletivos sociais. Sinalizamos neste artigo discursos ideológicos que operam sobre o campo da educação ambiental, assim como identificamos discursos que potencializam o desvelamento dos aspectos problemáticos da mineração.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Mineração; Análise Crítica do Discurso

## El tema de la minería en la investigación en educación ambiental

**Resumen:** El objetivo de este artículo es comprender cómo se desarrolla la minería en parte de las producciones de investigación en educación ambiental. Para esto, investigamos los anales de la EPEA - Encuentro de Investigación en Educación Ambiental entre 2001-2019, utilizando el marco teórico metodológico del Análisis Crítico del Discurso (ACD) a través de dos categorías construídas, que indican las relaciones entre la educación ambiental y los impactos y conflictos ambientales derivados de la minería. El tema de la minería presente en los Anales de la EPEA anuncia investigaciones sobre las prácticas educativas en las escuelas y los movimientos sociales y colectivos. Señalamos en este artículo los discursos ideológicos que operan sobre el campo de la educación ambiental, así como identificamos los discursos que potencian el desvelamiento de los aspectos problemáticos de la minería.

**Palabras-clave:** Educación ambiental; Minería; Análisis crítico del discurso

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFJF). Mestre em Comunicação (PPGCOM/UFJF). Gestora Ambiental (UFRRJ/ITR). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental (GEA/UFJF). Bolsista CAPES. E-mail: [vivianearcardoso@gmail.com](mailto:vivianearcardoso@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora e pesquisadora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/PPGE/UFJF). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental (GEA/UFJF). E-mail: [ar\\_cosenza@hotmail.com](mailto:ar_cosenza@hotmail.com)

## The thematic of mining in environmental education research

**Abstract:** The objective of this article is to understand how mining takes place in research productions in environmental education. For this, we investigated the annals of EPEA - Meeting Research in Environmental Education between the years 2001-2019, using the theoretical and methodological framework of Critical Discourse Analysis (CDA) through two constructed categories, which indicate relationships of environmental education with impacts and environmental conflicts in mining. The mining theme present in the Annals of the EPEA announces educational practices in schools and social movements and collectives. We point out the ideological discourses that operate on the field of environmental education, as well as the identification of discourses that potentialize the unveiling of the problematic aspects of mining.

**Keywords:** Environmental education; Mining; Critical Discourse Analysis

### Primeiras palavras: violações aos territórios pela mineração e relações destas com a educação ambiental

“As veias abertas da América Latina” metaforizam a passagem de um furacão chamado progresso, que carrega uma noção positivista e ilusória de uma modernidade que possui como sua sustentação a religião colonial do poder, do saber e do ser, permitindo vislumbrar a fé na promessa do desenvolvimento infinito (ARAÓZ, 2020; GALEANO, 2015). Para López (2020) as veias do sul continuam abertas, ou seja, a dependência e a apropriação de bens no Sul Global representam as expressões do capitalismo global ou do imperialismo. Tal argumento consiste em olhar para a apropriação e expansão em territórios de domínio dos países do Sul transformados em espaço de acumulação do capital, representando este sistema mundo moderno, capitalista e colonial gerador de desigualdade "vvida nos corpos dos oprimidos e oprimidas do Sul" (LÓPEZ, p. 08). Esses espaços de acumulação do capital transformam os bens comuns naturais em *commodities* para as grandes cadeias globais e corporações, o que tem provocado a emergência climática e vários desastres socioambientais. Gonçalves (2019) considera haver perpetuação do desenvolvimento geográfico do capitalismo enquanto era da financeirização da natureza ou capitaloceno.

Segundo Araújo (2020) a veia aberta mais lacerante e sangrenta, desde sua origem a atualidade, segue sendo o extrativismo mineral em toda história e geopolítica do Sul Global. A mineração colonial moderna tem sobre seus "avanços tecnológicos" o aperfeiçoamento da violência, da intensidade e do controle para a apropriação dos territórios, da extração e trituração das energias vitais pulverizando montanhas, paisagens, corpos, água, biodiversidade, convertendo sociedades para o fator de destruição e colocando em risco a

própria existência humana (ARÁOZ, 2020). Nesta complexidade de relações, o crescimento econômico privilegia os países centrais sobre os outros ditos periféricos, expondo em diferentes níveis as populações ao risco ambiental e a desigualdade, desencadeando impactos e conflitos como negação do acesso à água, às florestas, a terra e a exposição de contaminações, condicionando cenários de injustiça e racismo ambiental (ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009; BULLARD, 2004).

A atividade de exploração da mineração no território brasileiro concentra-se hoje em grandes empresas multinacionais como a Vale e a BHP Billiton, sendo elas as maiores mineradoras do mundo. A Vale S.A tem sido a principal empresa mineradora ativa no Brasil e o minério de ferro, o principal mineral extraído no país. O estado que adensa as maiores operações econômicas de extrações minerais, tem por destaque, Minas Gerais (TROCATE; COELHO, 2020). Não por acaso, a Vale S.A e o território mineiro, mais especificamente o quadrilátero ferrífero, protagonizaram os dois maiores desastres tecnológicos do país: o rompimento de barragens de minério de ferro no ano de 2015 em Mariana – MG (Vale S.A/Samarco/BHP Billiton/Fundação Renova) e 2019 em Brumadinho – MG (Vale S.A). Os lucros anuais bilionários dessas grandes empresas da mineração carregam diversas contradições, com recorrentes violações de direitos, impactos e conflitos antes mesmo de barragens romperem (MAIA; MALERBA, 2019).

O dilema ambiental contemporâneo precisa, portanto, ser entendido a partir das contradições das relações sociais que condicionam diferentes acessos à natureza, desde o processo de colonização à formação da modernidade e do capitalismo. Tal dilema é sustentado por relações de poder presentes na vida social. É desta forma que a linguagem se faz presente como uma maneira de instrumentalizar o poder hegemônico, e se estende em discursos e práticas sociais, cristalizando consensos e condicionando formas de agir, pensar e ser, mas também podendo ser contra hegemônica ao fortalecer outros modos de existir e possibilitar o desvelamento do funcionamento ideológico (VIEIRA; RESENDE, 2016; RESENDE, 2019).

Neste artigo discutiremos questões referentes à temática da mineração no campo da pesquisa em educação ambiental (EA), já que tal campo tem potencial de captar as relações de poder manifestas na linguagem, atribuindo o sentido político no âmbito das questões

ambientais, denunciando as injustiças e anunciando as educabilidades presentes em um fazer político-pedagógico emancipatório (LOUREIRO, 2012, 2019; LAYRARGUES, 2020).

Evidenciamos como problema social a conservação ideológica dos discursos proferidos pela megaindústria da mineração que, com o aparato político e midiático, propagam responsabilidade empresarial atrelada a uma preocupação com a sociedade e a natureza (MAIA; MALERBA, 2019). São discursos amparados pela promessa do beneficiamento econômico para sua maior aceitação, ao mesmo tempo em que, na prática social, provocam efeitos desiguais entre a distribuição dos benefícios e a permanência de impactos e conflitos ambientais nos territórios (TROCATE; COELHO, 2020).

Estes discursos manifestam-se sob esfera ideológica dos discursos de progresso e de desenvolvimento e, ainda, sobre a égide do desenvolvimento sustentável. No campo da EA, as ideias de Loureiro e Lima (2012) e Henning (2019) ao discutirem os discursos empresariais na educação, privilegiam uma compreensão da operação ideológica neoliberal sobre a concepção de sustentabilidade. Estas práticas pedagógicas, alinhadas ao campo hegemônico, político-midiático na perspectiva de um ambientalismo de mercado, estão aparelhadas com um modelo de subserviência ao interesse do capital para ações técnicas, gerenciais, comportamentais e individualizadas (LAYRARGUES, 2020). Como nos explicita Loureiro e Layrargues (2013), com frequência a crise ambiental é dissociada discursivamente de uma compreensão das relações políticas e sociais historicamente construídas e reproduzidas.

Neste trabalho defendemos a perspectiva crítica, presente também na análise discursiva a que nos propomos, enquanto abordagem teórico-metodológica dialética, capaz de nos orientar a uma compreensão das escolhas discursivas sobre as práticas sociais como efeitos das lutas pelo poder hegemônico (VIEIRA; RESENDE, 2016). Para a análise crítica do discurso (ACD), Vieira e Resende (2016) esclarecem a concepção crítica da ideologia de Thompson (2002) revelada em um âmbito negativo, como um instrumento semiótico de luta de poder. Os sentidos ideológicos asseguram o consenso, a universalização de interesses particulares, os projetos específicos de dominação e a distribuição desigual de poder, nem sempre perceptiva ou anunciada.

Desta maneira, a questão de pesquisa surge da necessidade de compreender o papel da EA diante da problemática socioambiental da mineração. Desta questão surgem objetivos:

quando se pesquisa mineração na EA, que lugares são enunciados e quais suas relações com o campo da EA? Quando o campo começa a se interessar pela relação EA e mineração? Há relações com os atuais rompimentos de barragens de minério de ferro em Minas Gerais? De que forma a EA potencializa as discussões sobre os conflitos inerentes à extração mineral e sob quais referenciais?

Devido a sua importância para o campo da pesquisa em EA, escolhemos os anais publicados no EPEA (Encontro Pesquisa em Educação Ambiental), a fim de identificar como as pesquisas em EA relacionam o tema da mineração. O EPEA tem por objetivo a socialização e discussão de pesquisas na área da EA, contribuindo para analisar e divulgar trabalhos de pesquisas do campo; aprofundando discussões e abordagens epistemológicas e metodológicas e; identificando práticas de pesquisa em EA que estão sendo desenvolvidas nos espaços institucionais e não-institucionais (EPEA, 2021).

### **Sobre Análise Crítica do Discurso e estratégias metodológicas**

Para responder as perguntas que envolvem este artigo, nos embasaremos nas concepções teórico-metodológicas da Análise Crítica do Discurso (ACD) proposta por Fairclough (2001; 2010); Vieira e Resende (2016) e Resende (2019). Segundo Vieira e Resende (2016), o propósito da ACD é mapear as conexões, produzidas por atores sociais, nos textos e eventos discursivos específicos. Tais conexões situam-se entre a linguagem e a prática social e podem conservar ou subverter a ideologia dominante e o poder, presentes nas escolhas lexicais. Para a ACD, em caso de subversão à ideologia, discursos podem também, enunciar oposição às forças hegemônicas, como modo alternativo de construção da realidade social para a sua transformação.

O gênero discursivo que compreende esta análise são os artigos científicos, que representam modos de inter-agir concernentes ao campo da EA, por meio de estruturas sociais presentes em opções lexicais, semânticas e com gramática específica. Estas estruturas se relacionam a um discurso acadêmico identificado pelo campo da EA, neste caso, nos Anais do EPEA. Buscamos identificar dentre as categorias de análise propostas pela ACD, os modos gerais de operação da ideologia orientados por Thompson (2002) e adaptados por Vieira e Resende (2016).

Os sentidos ideológicos se ocupam do consenso e da universalização de interesses particulares assegurando relações de dominação. Entre seus modos gerais de operação, destacam-se a legitimação, representando as relações de dominação como justas ou dignas de apoio; a dissimulação, que consiste em ocultar/negar relações de dominação; a unificação, que constrói simbolicamente uma identidade coletiva independente das condições/divisões que os separam; a fragmentação que segmenta indivíduos ou grupos capazes de desafiar os interesses dominantes; e a reificação que consiste em representações transitórias, sociais e/ou históricas como se fossem atemporais, permanentes ou naturais (THOMPSON, 2002; VIEIRA; RESENDE, 2016). Desvelar e desnaturalizar os aspectos problemáticos que envolvem a mineração pela EA é alçar outras possibilidades de transformação social, de maneira crítica e consciente, compreender o funcionamento ideológico e fortalecer outros discursos contra-hegemônicos.

Apontamos também outras estratégias para a investigação como a identificação relacional e a intertextualidade (FAIRCLOUGH, 2001; VIEIRA; RESENDE, 2016). A partir da identificação relacional analisamos as construções discursivas ligadas à identificação de atores sociais nos textos. Para a ACD, atores sociais representados nos textos, revelam modos particulares e significados estabelecidos nas relações sociais, como por exemplo, a mineração, estabelecendo processos de construção, manutenção ou subversão do seu papel social ligados à sujeitos e lugares. Procuramos assim, verificar quais são os atores sociais representados nestas pesquisas e de que forma são representados, positiva ou negativamente (VIEIRA; RESENDE, 2016).

A intertextualidade nos permite explorar as relações das práticas discursivas existentes na sociedade de modo a anunciar a articulação do texto com outros textos específicos e a presença de vozes também específicas, sinalizando o posicionamento do texto em relação às lutas hegemônicas (FAIRCLOUGH, 2001; VIERA; RESENDE, 2016). A intertextualidade manifesta em pressuposições, negações, metáforas, ironias, nos possibilita observar de que maneira são enunciadas na pesquisa em EA as práticas educativas sobre a relação com a mineração.

Deste modo, procuramos identificar no *corpus* de pesquisa (os 05 artigos científicos) as representações discursivas e escolhas lexicais, como também a utilização de pressuposições,

negações e demais marcas ilocucionárias, considerando, a maneira como os autores/as situam-se nos textos acadêmicos, distanciando-se e/ou aproximando-se de seus próprios discursos. Também podendo representar discursos do campo da EA, produzindo no texto questões já tomadas como estabelecidas ou dadas, sendo capazes de suprimir diferenças de poder ou colocando-se a uma posição de ressaltá-lo e/ou contrapô-lo.

Em um primeiro momento desta análise, buscamos identificar quantitativamente os trabalhos que trazem a palavra “mineração” em todos os artigos publicados nos anais do EPEA, compreendendo, portanto, o período entre 2001 a 2019. O EPEA é um evento bienal, sendo este período correspondente ao primeiro ano do evento, 2001, até sua última edição, 2019. Esta identificação incluiu títulos, palavras-chave, resumos e o corpo dos textos. Assim, foi possível mensurar as variáveis contábeis sobre o tema “mineração” nos anais publicados pelo EPEA entre 2001-2019. Buscando definir o *corpus* analítico dentre os 898 trabalhos publicados em todos os anais do evento, encontramos 29 pesquisas que citam a palavra "mineração" nos artigos publicados.

Em uma segunda etapa, após leitura densa dos 29 trabalhos, sistematizamos os artigos entre aqueles que apenas citam a mineração em seu corpo do texto (24 artigos) e aqueles que revelam a centralidade da problemática da mineração no campo da EA (05 artigos). Isso quer dizer que, 24 artigos apenas citam a palavra "mineração" em suas pesquisas, sem que, contudo, incorporem a temática da mineração na pesquisa em EA, abordando outros assuntos e temáticas. Aqui, temos a mineração surgindo como exemplo de atividades econômicas, degradações e conflitos ambientais.

Por outro lado, 05 artigos revelam a problemática da mineração, discutindo seus efeitos à EA e incorporando a temática com centralidade nos trabalhos por meio dos títulos, resumos, palavras-chave e em todo corpo do texto. Assim, organizamos os 05 artigos em um quadro descritivo Nº 01 disposto na próxima seção, de acordo com o ano de publicação e edição do evento. Estas 05 pesquisas revelam um recorte temporal correspondente aos dois últimos eventos do EPEA, incorporados nos anais de 2017 e 2019.

Após leitura densa das pesquisas selecionadas, na terceira etapa, construímos categorias analíticas a partir do *corpus* investigado, composto pelos 05 artigos selecionados. Tais categorias revelam relações da EA com a mineração e foram por nós elaboradas em

significações: 1) sobre impacto ambiental. Aqui temos 02 pesquisas que discutem impactos gerados pela mineração e seus efeitos à EA como tema controverso ou problemas socioambientais enquanto possibilidade de intervenção socioeducativa na escola; 2) sobre conflito ambiental. Aqui temos 03 pesquisas que investigam a mineração a partir de um debate sobre os conflitos socioambientais constituídos nos territórios e efeitos à EA, que ressaltam educabilidades presentes nos movimentos sociais e coletivos. A seguir, apresentaremos o *corpus* da pesquisa e suas categorias analíticas.

### **A temática da mineração na pesquisa em educação ambiental via anais do Encontro Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA)**

Como afirmamos acima, ressaltamos que a relação entre a EA e a mineração passa a ser encontrada nos trabalhos nas duas últimas edições do evento (2017-2019). Fazendo um paralelo com o rompimento de barragens que admitiram maior impacto e maior notoriedade midiática, apontamos que tais eventos ocorrem após o rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG ocorrido em 2015.

Em 2019, estando o EPEA em sua décima edição, após vivenciarmos mais um rompimento de barragem no início do ano, em Brumadinho na região de Minas Gerais, o evento contou somente com 01 trabalho com o tema da mineração em centralidade com o campo da EA. Porém, esta pesquisa relaciona a temática da mineração aos impactos ambientais à caatinga. Consideramos, a proximidade temporal do acontecimento catastrófico com o último ano do evento do EPEA, sendo possível que novas pesquisas estejam em gestação no amplo campo da EA.

No quadro Nº 01 abaixo indicamos os 05 trabalhos encontrados nos anais do EPEA que evidenciam a problemática da mineração na pesquisa em EA. Em seguida, apresentaremos os artigos no âmbito das categorias construídas a partir do referencial da EA e da ACD.



**Quadro 01 - Anais do EPEA com a temática da mineração em centralidade.**

ANO	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	AUTOR(ES/AS)	INSTITUIÇÕES	CATEGORIA
2017	O desastre da Samarco: a cobertura de diferentes mídias e sua importância para a educação ambiental	Educação Ambiental; Mídias; Samarco;	Alexsandro Luiz dos Reis e Fábio Augusto Rodrigues e Silva	UFOP	Significações sobre EA e Impacto Ambiental
2017	A justiça e o racismo ambiental diante do rompimento da Barragem de Fundão	Educação ambiental decolonial; movimentos sociais; racismo ambiental;	Mahalia Gomes de Carvalho Aquino Yashmin Viola Marote Loureiro Marcelo Aranda Stortti	UNIRO e UFJF	Significações sobre EA e Conflito Ambiental
2017	Educação Ambiental Decolonial de Base comunitária: a pedagogia dos afetados pelo setor da mineração	educação ambiental de base comunitária; movimentos sociais; decolonialidade;	Marcelo Aranda Stortti Celso Sanchez	UNIRIO	Significações sobre EA e Conflito Ambiental
2017	A existência em pauta: uma problematização a partir do crime socioambiental na bacia do Rio Doce	crime socioambiental; modos de existência; desenvolvimento;	Bruna Sepulchi Martha Tristão Rosinei Vieiras	UFES e SENAI	Significações sobre EA e Conflito Ambiental
2019	Impactos socioambientais do extrativismo mineral na caatinga, em Cel. João Sá - BA	Ciências Ambientais; Educação Ambiental;	Raul Souza Alberlene Oliveira	UFS	Significações sobre EA e Impacto Ambiental

Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

**Quando a pesquisa em EA denuncia os impactos socioambientais da mineração**

Reunimos nesta categoria 02 artigos por produzem significações sobre as relações entre impactos ambientais gerados pela mineração e EA, contribuindo com análises sobre práticas e intervenções socioeducativas na escola. O primeiro artigo intitulado: “O desastre da Samarco: a cobertura de diferentes mídias e sua importância para a educação ambiental” (REIS; SILVA, 2017), traz a temática da mineração em discussão na EA a partir da grande repercussão, em diferentes mídias brasileiras, dos impactos gerados pelo desastre da Samarco. As repercussões em jornais impressos e portais de notícias *online justificam* a problemática da pesquisa destacada:

Esse nosso foco se justifica pelo fato de que tais veículos de comunicação podem auxiliar na abordagem de diversos assuntos para a população, pois, trazem consigo informações recentes e polêmicas. Entretanto, muitas vezes, diante do volume de informações, aspectos controversos são apresentados de forma bem superficial e sem uma contextualização (REIS; SILVA, 2017, p. 02).

Nesta pesquisa são selecionadas diferentes reportagens para as aulas de ciências, aplicando-se a análise de conteúdo em uma edição do jornal impresso "A Sirene", produzido

pelos atingidos/as, e outras reportagens dos portais *online* de grandes empresas de comunicação, como G1 e UOL. A escolha teórico-metodológica feita pelos autores introduz os estudos de questões controversas ou polêmicas enquanto correntes do campo do ensino de ciências na escola (COSENZA; MARTINS, 2013). Segundo os autores do artigo estudado trata-se de: “Uma opção para auxiliar o aprendizado para uma leitura crítica dessa informação podem ser estudos sobre assuntos que trazem polêmicas e divergências de opiniões abordadas a partir das controvérsias sociocientíficas ou socioambientais” (REIS; SILVA, 2017, p. 04).

Neste caminho, são demarcadas por nós representações discursivas sobre o campo do ensino de ciências e da EA com os aspectos problemáticos que envolvem os impactos causados pela mineração:

Para tanto, é necessário se repensar as práticas sociais quando o assunto é pautado pelas temáticas ambientais. Tais práticas devem buscar a harmonia entre a qualidade de vida e a preservação do meio ambiente, *bem como o desenvolvimento de uma atividade socioeconômica que não agrida tanto os ecossistemas e que favoreça as necessidades atuais humanas e das gerações vindouras (JACOBI, 2003)*. Entretanto, em uma perspectiva crítica que permita o questionamento e a busca de alternativas para os modelos predatórios de desenvolvimento econômico que vigoram atualmente (REIS; SILVA, 2017, p. 03, grifo nosso).

Os aspectos problemáticos que envolvem a mineração e a EA manifestam-se por meio da intertextualidade atribuindo ao texto outras vozes relatadas indiretamente, representando um discurso que se refere a repensar harmonicamente a preservação ambiental e outras formas de atividade socioeconômica, como grifado acima. Posteriormente, os autores indicam, por meio da conjunção adversativa “*entretanto*” a possibilidade de potencializar uma perspectiva crítica para o questionamento e a busca de alternativas ao modelo econômico predatório vigente. Estas representações discursivas expressam os lugares enunciados entre a mineração e a EA:

A partir disso, *esperamos por práticas favoráveis* a proteção ao meio ambiente e a vida. Nessa direção, ressaltamos a importância da educação ambiental que *segundo Jacobi (2003, p.193), “assume cada vez mais uma função transformadora, na qual a co-responsabilização dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento – o desenvolvimento sustentável”*. Aqui entendemos o desenvolvimento sustentável como aquele que: [...] se refere principalmente às consequências dessa relação na qualidade de vida e no bem-estar

da sociedade, tanto presente quanto futura. Atividade econômica, meio ambiente e bem-estar da sociedade formam o tripé básico no qual se apóia a ideia de desenvolvimento sustentável. (ASSIS, 2000, p.59) (REIS; SILVA, 2017, p. 04, grifo nosso).

São referenciados, de maneira direta, lugares que indicam a importância da EA conforme o conceito de desenvolvimento sustentável grifado acima. Neste sentido, as considerações finais da pesquisa, retomam as implicações sobre a EA enquanto práticas educativas na escola com vista ao desenvolvimento sustentável, ao propor "*uma nova postura*" acompanhada de "*ações para mitigar ou mudar o quadro atual de degradação ambiental*":

Os diferentes tipos de reportagem podem ainda evidenciar como são complexos e multifacetados os problemas socioambientais. Nessa ótica, esperamos que por meio do desenvolvimento de um trabalho com as reportagens que *os alunos desenvolvam uma nova postura em relação à exploração desmedida do meio ambiente* e possam ainda disseminar esta conduta e novos conhecimentos para a sociedade. *Um tipo de educação ambiental responsável como proposta por Jacobi (2003) em que a compreensão acompanha ações para mitigar e ou mudar o quadro atual de degradação ambiental* que interfere na qualidade de vida de todos os seres vivos (REIS; SILVA, 2017, p. 09, grifo nosso).

Por meio dos modos gerais de operação da ideologia de Thompson (2002) citado por Vieira e Resende (2016), a presença do discurso do desenvolvimento sustentável evidencia uma legitimação, isto é, relações de dominação representadas como legítimas a partir de construções simbólicas de racionalização e universalização, ou seja, uma cadeia de raciocínio que justifica a função de "*um tipo de educação ambiental responsável*" com interesses específicos - desenvolver "*práticas favoráveis*" "*uma nova postura*"; "*disseminar esta conduta*" "*mitigar e ou mudar o quadro atual de degradação*"; - apresentados como interesses gerais para o campo da EA. Entendemos que isso pode incentivar mudanças comportamentais em torno de ações para resoluções de problemas, porém inibindo o tratamento didático das relações de dominação e assimetrias de poder referentes à problemática da mineração.

Ressaltamos a importância de se trabalhar com a mídia sobre a ótica da EA, assim como a abordagem dos temas controversos na escola, levando em consideração o contexto da mineração, em que as grandes empresas passam a usufruir do poder midiático na construção de um discurso hegemônico, que silencia os/as atingidos/as e as injustiças ambientais

inerentes a esse processo de exploração. Contudo, de acordo com Cosenza e Martins (2013) as controvérsias socioambientais em contextos escolares podem permear os problemas e injustiças ambientais pertencentes ao cotidiano de estudantes e professores/as, implicando em sentido crítico, em desvelar os processos pelos quais as diferenças são produzidas, através das relações de assimetria e desigualdade de poder.

Autores/as como Loureiro (2012), Loureiro e Lima (2012) e Henning (2019) discutem a concepção de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável presente nos documentos dos organismos internacionais como a ONU e a UNESCO pela ótica de uma hegemonia discursiva empresarial e neoliberal. Segundo os/as autores/as tal ótica pode reproduzir práticas educativas centradas em valores universais consensuais, soluções tecnológicas e gerenciais de um ambiente reificado. Para Loureiro (2019), a EA, contrariamente, pode dar visibilidade às intencionalidades existentes sobre os processos ideológicos impostos, que não estão somente sobre valores comportamentais, mas intrínsecos às relações sociais.

O segundo artigo que compreende esta categoria está presente nos anais do EPEA do ano de 2019 e assim intitulado: "Impactos socioambientais do extrativismo mineral na caatinga, em Cel. João Sá - BA" (SOUZA; OLIVEIRA, 2019). Os sujeitos da pesquisa foram "[...] os alunos e professores do Colégio Estadual Santo Antônio da cidade de Coronel João Sá/BA em atividades de campo para a construção do conhecimento acerca dos problemas do extrativismo mineral" (SOUZA; OLIVEIRA, 2019, p. 01).

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa foram visitas à campo com a comunidade escolar para as "análises dos impactos ambientais visíveis e associações epistêmicas" (SOUZA; OLIVEIRA, 2019, p. 02). É interessante ressaltar que o artigo parte de uma problemática social desta extração mineral referente à precarização dos/as trabalhadores/as na região. No entanto, a ênfase da discussão se desdobra em problemas biológicos e físicos, apontando o extrativismo mineral como uma das consequências do processo de desertificação da caatinga. A problemática que envolve a mineração neste artigo decorre da intervenção humana no ambiente:

A desertificação se estabelece mediante um conflito entre sociedade-natureza, onde ocorre o desequilíbrio ambiental muitas vezes das atividades econômicas e uma delas é o extrativismo de minérios. É desse ambiente *que o homem retira os recursos*

*naturais que alimentam boa parte da economia, pois sem elas nenhuma atividade econômica subsequente poderia existir* (SOUZA; OLIVEIRA, 2019, p. 02, grifo nosso).

A utilização de pressuposições como "*o homem retira os recursos naturais*" e "*sem elas nenhuma atividade econômica subsequente poderia existir*" são tomadas genericamente, como já estabelecidas ou dadas e suprimem as diferenças de poder, pois qualificam e generalizam "os homens", em referência à humanidade, como responsáveis pelos impactos ambientais e desertificação da caatinga na região de estudo. Esse processo de legitimação por universalização (THOMPSON, 2002; VIEIRA; RESENDE, 2016) condicionam relações de dominação a uma responsabilização pelo processo de impacto ambiental a um caráter abstrato e generalizado, suprimindo as injustiças inerentes ao processo de exploração da natureza (ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009; LOUREIRO, 2012).

A EA crítica e emancipatória é apontada nos aportes teóricos desta pesquisa como uma forma de abordar a temática com os discentes para apresentá-los uma: "*visão holística com reflexões interdisciplinares*, de diferentes campos, de conhecimento históricos, políticos, econômicos, sociais para diante dessa totalidade *contrapor uma educação ambiental hegemônica* que possui uma visão pontual e pré-estabelecidas." (SOUZA; OLIVEIRA, 2019, p. 03, grifo nosso). Porém, outras representações discursivas manifestam-se como essência da EA:

*Desse modo, o cerne da educação ambiental está na compreensão do encadeamento 'recursos naturais-bens de consumo-rejeitos-reciclagem'. O desenvolvimento dessa consciência é necessário para ecologizar à cultura e mudar comportamentos, construindo-se uma sociedade mais bem integrada à natureza* (OLIVEIRA, 2003) (SOUZA; OLIVEIRA, 2019, p. 03, grifo nosso).

Nas considerações finais desta pesquisa são indicadas as relações entre a degradação do ambiente local e a precarização dos trabalhadores/as, ao mesmo tempo em que, são associadas interrelações destes impactos aos "*homens*", de maneira generalizada: "*O agente modificador homem, traz um prejuízo incalculável ao sistema ecológico [...]*" (SOUZA; OLIVEIRA, 2019, p. 05, grifo nosso). Apontamos um hibridismo, assim como afirmam Cosenza e Martins (2013) entre os discursos, ou seja, rearticulações discursivas que informam e compreendem diferentes visões do campo como emancipatórias e outras como consensuais. A defesa de uma EA emancipatória e crítica se apresenta por meio de uma "*visão holística*" e

pela interdisciplinaridade. No entanto, há marcadores linguísticos de uma EA hegemônica, prescritiva e direcionada a "*ecologizar à cultura*" e "*mudar comportamentos*" (LOUREIRO, 2019; LOUREIRO, 2012).

É determinado ao sujeito ser produtor de impactos ambientais e também construtor de alternativas, de ações e soluções para esses impactos, independente de uma origem cultural, crença, cor ou classe (ASCERLAD; MELLO, BEZZERA, 2009). Nesta circunstância, a preocupação com o meio ambiente é decorrente de novos valores sociais individuais para uma mudança cultural e comportamental, instruído também pelo discurso da educação para o desenvolvimento sustentável (LOUREIRO, 2012; LOUREIRO, 2019).

### **Quando a pesquisa em EA problematiza os conflitos ambientais da mineração**

Em comum, os três artigos que compõem esta categoria concentram-se na edição do evento de 2017. Dois referem-se à problemática em torno do rompimento da barragem de Fundão, ocorrido em Mariana – MG em 2015, enquanto o outro artigo refere-se às lutas sociais frente ao setor econômico da mineração. Em comum, a enunciação de educabilidades presentes nos movimentos sociais e entre outros coletivos a partir de conflitos ambientais gerados pela mineração.

O artigo "A justiça e o racismo ambiental diante do rompimento da Barragem de Fundão (Mariana - MG): a educação ambiental de base comunitária e os movimentos sociais diante da problemática econômica e ambiental em torno da mineração" (AQUINO; LOUREIRO; STORTTI, 2017) possui como objetivo:

[...] refletir sobre a problemática do rompimento da barragem de Fundão e a sua *relação com educação ambiental decolonial de base comunitária* emergente das lutas socioambientais na região. Como resultado apresentamos três exemplos de grupos sociais que se *articulam para lutar contra esse crime*" (AQUINO; LOUREIRO; STORTTI, 2017, p. 01, grifo nosso).

A construção discursiva considera os papéis sociais e de identidade, ou seja, uma identificação relacional (VEIRA; RESENDE, 2016) dos atores sociais no texto com a problemática da mineração e a EA, referindo ao rompimento da barragem de Fundão como "*esse crime*" e os grupos sociais providos de uma "*educação ambiental decolonial de base*

*comunitária*". Dessa maneira, os autores revelam os lugares enunciados entre a mineração e a EA:

*"Como podemos observar essa EA praticada por esses grupos sociais, poderia ser denominada de decolonial, pelas suas características e comprometimento com uma luta em defesa de seu modo de viver, promovendo uma descolonização, desaprendizagem dessa colonialidade do saber através de uma prática política-ética, incorporada e dividida entre os sujeitos desse grupo social, instituindo assim um "re-existir, re-viver como processo de re-criação (WALSH, 2009)" (AQUINO; LOUREIRO; STORTTI, 2017, p. 09, grifo nosso).*

O conceito de "decolonial" nesta pesquisa refere-se à "luta em defesa de seu modo de viver"; "uma prática política-ética"; e processos de "re-existir" "re-viver" e "re-criação", atribuído a citação indireta como grifado acima. Os movimentos sociais nesta pesquisa são enunciados como coletivos que ampliam o debate em torno das questões ambientais. O reconhecimento de discursos que nos permitem compreender práticas e padrões limitantes ao sistema ideológico opressivo e universalmente válido contribui para o desvelamento e desnaturalização da colonialidade do poder, do saber e do ser e potencializam campos outros de saberes subalternizados (RESENDE, 2019; WALSH, 2017; BALLESTRIN, 2013).

Como considerações finais desta pesquisa, apresentam-se a força da marca ilocucionária presente no ato de fala (FAIRCLOUGH, 2001), o que significa dizer, as marcas de escolhas verbais representadoras, como forma de contrastar e/ou rejeitar o discurso hegemônico:

*Não há discursos sobre o desenvolvimento sustentável que consiga contornar o fato de que os conflitos e problemas ambientais aumentam significativamente e nunca antes foram tão denunciados. De certa forma deve-se aos movimentos sociais e coletivos a ampliação sobre o debate em torno do meio ambiente, que mesmo diante da hegemonia produtiva capitalista conseguem submergir discussões fundamentais para a tentativa de superação das injustiças socioambientais. (AQUINO; LOUREIRO; STORTTI, 2017, p. 10, grifo nosso).*

A intertextualidade relativa a aspectos conjunturais manifesta-se a partir da pressuposição e negação de um outro discurso: "o discurso sobre o desenvolvimento sustentável". Nesse sentido, os autores afirmam os movimentos sociais e coletivos como vozes que ampliam debates contra-hegemônicos em torno do meio ambiente e injustiças socioambientais.

O segundo artigo "Educação ambiental decolonial de base comunitária: a pedagogia dos afetados pelo setor da mineração" de Stortti e Sanchez (2017) tem por sujeito de pesquisa a rede "Justiça nos Trilhos" e sua luta contra os empreendimentos da mineração. Segundo os autores: "a escolha desse movimento se deu pelo seu processo de enfrentamento e radicalidade da luta socioambiental [...]" (STORTTI; SANCHEZ, 2017, p. 04). São, portanto, potencializados outros discursos, que por uma identificação relacional (VIEIRA; RESENDE, 2016) enunciam práticas educativas entre a mineração e a EA:

[...] observamos que *essa rede*, não apresenta propostas estruturadas de educação ambiental, *strictu sensu*, porém *apresenta embasamento teórico-prático nos conceitos da educação ambiental decolonial de base comunitária* e atua a partir das questões ambientais objetivas e concretas que envolvem as comunidades afetadas. Ou seja, pode-se dizer que *buscam uma educação ambiental a partir das atividades de contrainformação e da produção de estratégias pedagógicas* para a mobilização das comunidades locais. (STORTTI; SANCHEZ, 2017, p. 07, grifo nosso).

Novamente, o lugar relacionado pelo movimento social pesquisado é enunciado como uma "Educação ambiental decolonial de base comunitária". Estas práticas seriam advindas de questões "objetivas e concretas", seriam "atividades de contrainformação" e "produção de estratégias pedagógicas para a mobilização das comunidades locais", como grifado acima. A intertextualidade manifesta-se pela negação de uma "educação ambiental *strictu sensu*", como forma de reconhecer diferenças do campo e explorar novos diálogos apresentados como potencializadores de processos contra-hegemônicos (VIEIRA, RESENDE, 2016).

Para Loureiro (2012), os movimentos sociais integram e qualificam ações organizadas em defesa da justiça social e do direito à vida, a modos de ser e estar com a Natureza. A questão ambiental está incorporada pelos movimentos sociais em recorrentes quadros de conflitos, como na mineração, resistindo e enfrentando injustiças e racismo ambiental (BULLARD, 2004). Desta maneira, Loureiro (2019) nos chama atenção para o cuidado entre a escuta e o diálogo, assim como o lugar das atividades planejadas e pensadas enquanto processo educativo na forma de problematizar, conhecer e transformar a realidade.

O terceiro artigo intitulado como "A existência em pauta: uma problematização a partir do crime socioambiental na bacia do Rio Doce" (SEPULCRI; TRISTÃO; VIEIRAS, 2017), problematiza o modelo capitalista e desenvolvimentista a partir da relação entre exploração



da natureza e o desencadeamento de desastres/crimes como o rompimento da barragem de minério, ocorrido em Mariana - MG em 2015. A metodologia é apresentada pelas autoras como sequência de escuta sensível, observação, produções narrativas e experiências empíricas nas regiões que compreendem a bacia hidrográfica do Rio Doce, diretamente impactada pelo desastre. A escolha de sujeitos de pesquisa é a daqueles/as que possibilitam outros modos de existência e outros mundos possíveis, em comparação com o modelo hegemônico vigente. A identificação relacional (VEIRA; RESENDE, 2016) desvela os aspectos problemáticos que envolvem a mineração e a EA:

[...] se esses *modos “minúsculos” e “menores” de existir* não foram capazes de imprimir outra lógica de produção e/ou relações, ao mesmo tempo, o *modelo hegemônico “maiusculo”, “capital” e “maior”* vem dando mostras daquilo que não foi capaz: produzir mundos acessíveis a quem mais precisa, produzir, reduzir o abismo da desigualdade e fortalecer a valorização da diferença e das singularidades, valorizar a vida nas suas diferentes manifestações, respeitar os ciclos vitais dos ecossistemas em detrimento da ganância financeira, etc. (SEPULCRI; TRISTÃO; VIERAS, 2017, p. 02).

Esta identificação designa a valorização das diferenças e pelas outras formas de vida, consideradas *“minúsculos” “menores”* pelo modelo hegemônico, então apontado pelas autoras como *“maiusculo”, “capital”, “maior”,* em consideração a assimetria de poder. O anúncio das práticas educativas entre mineração e a EA manifesta-se pela intertextualidade enquanto representação discursiva do documento oficial que preconiza sobre *“sociedades sustentáveis”*:

Com essa configuração político-econômica é que *consideramos potencializar o papel da Educação Ambiental* preconizado por importantes movimentos, dentre esses o *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*, (TEASS, 1992), quando lembra que a *Educação Ambiental é um processo permanente baseado no respeito a todas as formas de vida e, acrescentaria ainda, no respeito para com a Terra, a Pachamama e tudo que nela existe e resiste* (SEPULCRI; TRISTÃO; VIEIRAS, 2017, p. 08, grifo nosso).

Para Loureiro (2012) o conceito de sociedades sustentáveis reivindica outras formas de existir que não sejam únicas e nem a um modelo ideal de felicidade recomendado pelo *“desenvolvimento”* ou o *“progresso”*. O conceito tem por objetivo pensar sobre as diversas formas de vida e organizações sociais, que em suas particularidades são também legítimas

formações socioeconômicas. Este discurso disputa sentidos ideológicos contrários ao de “desenvolvimento sustentável”, abrindo espaço para o que Resende (2019) apresenta como um diálogo de saberes mais orgânico e interdisciplinar entre outras epistemologias.

### **Considerações Finais**

Alçamos aqui, a necessidade de compreender o papel da EA diante da problemática socioambiental da mineração. Neste estudo, por meio da Análise Crítica do Discurso (ACD), discutimos sentidos ideológicos que operam sobre o campo da EA a partir de representações discursivas, principalmente do desenvolvimento sustentável. O estudo da mineração na pesquisa em EA, a partir dos anais do EPEA, indica práticas educativas nas escolas e nos movimentos e coletivos sociais, entre significações sobre os impactos e conflitos socioambientais da mineração.

As significações sobre os impactos ambientais da mineração nas pesquisas em EA têm por objetivo estudar intervenções socioeducativas na escola. Os impactos ambientais são posicionados em uma preocupação decorrente de novos valores sociais individuais e para uma mudança cultural. Esse discurso, que integra o sistema econômico vigente, pode suprimir visibilidade às assimetrias de poder sobre a problemática da mineração, na produção de riscos e injustiças socioambientais.

As pesquisas que produzem significações sobre conflito ambiental na mineração pela EA mencionam os movimentos sociais e outros coletivos. Os movimentos sociais possuem uma identificação relacional nas pesquisas com a EA decolonial e de base comunitária. Esses sentidos são atribuídos como forma de desvelar os aspectos problemáticos da mineração. Tais discursos procuram problematizar e desnaturalizar os sentidos políticos-ideológicos que estão sobre a produção de conflitos e injustiças socioambientais pela mineração.

Concluimos que, a partir das pesquisas presentes nos anais do EPEA, a EA potencializa as discussões sobre os impactos e conflitos inerentes à extração mineral após o rompimento da barragem de minério de ferro ocorrido na região de Mariana - MG em 2015, concentrando-se no EPEA de 2017. Essas discussões perpassam a escola e os movimentos sociais em diferentes sentidos sobre o campo da EA. No último EPEA de 2019, não encontramos nenhum artigo relacionado com os atuais rompimentos de barragens. Consideramos a proximidade do

último evento com o contexto do desastre socioambiental, sendo possível que novas pesquisas estejam em gestação no amplo campo da EA.

Sinalizamos a importância do investimento científico no campo da EA para compreender a temática da mineração em práticas educativas, em saberes e modos de ser e existir, que se constroem em espaços escolares e não escolares, assim reconhecendo as potencialidades e as disputas hegemônicas existentes nesses múltiplos espaços, enquanto instrumentos de luta e poder inerentes à mineração.

## Referências

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é justiça ambiental?** Rio de Janeiro, RJ: Editora Garamond, 2009, p.156

AQUINO, Mahalia Gomes de Carvalho; LOUREIRO, Yashmin Viola Marote; STORTTI, Marcelo Aranda. A justiça e o racismo ambiental diante do rompimento da Barragem de Fundão (Mariana – MG): a educação ambiental de base comunitária e os movimentos sociais diante da problemática econômica e ambiental em torno da mineração. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL (EPEA), 9., 2017, Juiz de Fora. **Anais [...]**. S.L: Epea, 2017. p. 1-13. Disponível em: [http://epea.tmp.br/epea2017\\_anais/pdfs/plenary/0027.pdf](http://epea.tmp.br/epea2017_anais/pdfs/plenary/0027.pdf). Acesso em: 17 nov. 2020.

ARÁOZ, Horacio Machado. **Mineração, genealogia do desastre:** o extrativismo na América como origem da modernidade. São Paulo: Elefante, 2020. 324 p. Tradução de João Peres.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o Giro Decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [S.l], n. 11, p. 89-117, ago. 2013. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. Acesso em: 05 jul. 2021.

BULLARD, Robert. Enfrentando o racismo ambiental no século XXI. In: ACSELRAD, Henri; HERCULANO, Selene; PÁDUA, José Augusto. **Justiça Ambiental e Cidadania**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2004. p. 41-68.

COSENZA, Angélica; MARTINS, Isabel. Controvérsias socioambientais no contexto da construção de sentidos sobre relações entre energia e ambiente na escola. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências - RBPEC**, [s. l], v. 13, n. 3, p. 73-94, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4272>. Acesso em: 15 nov. 2021.

EPEA. Encontro Pesquisa em Educação Ambiental (org.). **Anais**. 2020. Disponível em: <http://www.epea.tmp.br/>. Acesso em: 06 out. 2020.

FAIRCLOUGH, Norman. A dialética do discurso. **Revista Teias**, S.L, v. 11, n. 22, p. 225-234, ago. 2010. Tradução: Raquel Goulart Barreto. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24124/17102> . Acesso em: 24 mai. 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Unb, 2001. 316 p. Revisão técnica e prefácio à edição brasileira: Izabel Magalhães.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2015. 392 p. Tradução de Sérgio Faraco.

GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. **Capitaloceno e a fratura da natureza: mineração em grande escala e as barragens de rejeitos em Goiás, Brasil**. mineração em grande escala e as barragens de rejeitos em Goiás, Brasil. 2019. Territorial - Caderno eletrônico de textos. Disponível em: <https://www.cadernoterritorial.com/news/capitaloceno-e-a-fratura-da-natureza/> . Acesso em: 27 jun. 2021.

HENNING, Paula Corrêa. Verdades educacionais no Brasil e na Espanha: tensionamentos ambientais sob análise. **ETD- Educação Temática Digital**, Campinas - Sp, v. 21, n. 3, p. 674-694, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8651555> . Acesso em: 13 nov. 2021.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Manifesto por uma educação ambiental indisciplinada. **Ensino, Saúde e Ambiente**, [S.l.], Número Especial, p. 44-88, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/40204> . Acesso em: 17 nov. 2020.

LÓPEZ, Emiliano (org.). **As veias do sul continuam abertas**: debates sobre o imperialismo do nosso tempo. São Paulo: Expressão Popular, 2020. 178 p.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.. **Educação Ambiental**: questões de vida. São Paulo: Cortez, 2019. 184 p.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LAYRARGUES, Phelippe Pomier. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectiva de aliança contra-hegemônica. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 53-71, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462013000100004> . Acesso em: 23 fev. 2021.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.. **Sustentabilidade e Educação**: um olhar da ecologia política. São Paulo: Cortez, 2012. 128 p. Coleção questões da nossa época; V.39.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LIMA, Maria Jacqueline Girão Soares de. A hegemonia do discurso empresarial de sustentabilidade nos projetos de educação ambiental no contexto escolar: nova estratégia do capital. **Revista Contemporânea de Educação**, [s. l.], v. 7, n. 14, p.

280-294, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1672> . Acesso em: 13 out. 2021.

MAIA, Maiana; MALERBA, Julianna (org.). **A mineração vem aí... E agora?: um guia prático em defesa dos territórios**. Rio de Janeiro: FASE/PoEMAS, 2019. 86 p. Disponível em: <http://emdefesadosterritorios.org/a-mineracao-vem-ai-e-agora/> . Acesso em: 17 nov. 2020.

REIS, Alexsandro Luiz dos; SILVA, Fábio Augusto Rodrigues e. O desastre da Samarco: a cobertura de diferentes mídias e sua importância para a educação ambiental. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL (EPEA), 9., 2017, Juiz de Fora. **Anais [...]** . s.L: Epea, 2017. p. 1-11. Disponível em: [http://epea.tmp.br/epea2017\\_anais/pdfs/plenary/0099.pdf](http://epea.tmp.br/epea2017_anais/pdfs/plenary/0099.pdf) . Acesso em: 17 nov. 2020.

RESENDE, Viviane de Melo (org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2019. 202 p.

SEPULCRI, Bruna Neitzel; TRISTÃO, Martha; VIEIRAS, Rosinei Ronconi. A existência em pauta: uma problematização a partir do crime socioambiental na bacia do rio doce. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL (EPEA), 9., 2017, Juiz de Fora. **Anais [...]** . S.L: Epea, 2017. p. 1-8. Disponível em: [http://epea.tmp.br/epea2017\\_anais/pdfs/plenary/0211.pdf](http://epea.tmp.br/epea2017_anais/pdfs/plenary/0211.pdf) . Acesso em: 17 nov. 2020.

SOUZA, Raul Maurício Aragão; OLIVEIRA, Alberlene Ribeiro de. Impactos socioambientais do extrativismo mineral na caatinga, em cel. João Sá – BA. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL (EPEA), 10., 2019, São Cristóvão. **Anais [...]** . S.L: Epea, 2020. p. 1-7. Disponível em: [http://epea.tmp.br/epea2019\\_anais/pdfs/plenary/0163-1-B-01.pdf](http://epea.tmp.br/epea2019_anais/pdfs/plenary/0163-1-B-01.pdf) . Acesso em: 17 nov. 2020.

STORTTI, Marcelo Aranda; SANCHEZ, Celso. Educação Ambiental Decolonial de Base Comunitária: a pedagogia dos afetados pelo setor da mineração. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 9., 2017, Juiz de Fora. **Anais [...]** . S.L: Epea, 2017. p. 1-11. Disponível em: [http://epea.tmp.br/epea2017\\_anais/pdfs/plenary/0074.pdf](http://epea.tmp.br/epea2017_anais/pdfs/plenary/0074.pdf) . Acesso em: 17 nov. 2020.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9º Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 427 p.

TROCATE, Charles; COELHO, Tádzio. **Quando Vier o Silêncio: o problema mineral brasileiro**. São Paulo: Expressão Popular, 2020. 149 p. Fundação Rosa Luxemburgo.

VIEIRA, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2016. 196 p. Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 1.

WALSH, Catherine. Gritos, grietas e siembras de vida: entretejerer de lo pedagógico y lo decolonial. In: WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 17-43. Série Pensamiento Decolonial.

*Submetido em: 05/01/2022.*

*Publicado em: 16/12/2022.*